

Uma *realidade* pós-moderna para a informação

Marivalde Moacir Francelin

Aluno do curso de mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação da PUC-Campinas. e-mail: mfrancelin@yahoo.com.br

O desenvolvimento vertiginoso dos veículos de comunicação de massa, mass media, fazem da informação, ao mesmo tempo, mercadoria de alto custo para o mercado e coisa sem sentido para a massa. O objetivo deste texto é explorar tais características através das transformações ocorridas na pós-modernidade.

Palavras-chave: Informação; Pós-modernidade; *Mass media*; Conhecimento
Recebido em: 26. 09. 2003 Aceito: 15.03.2004

Introdução

Partindo-se de um cenário característico da pós-modernidade, este texto propõe-se a fazer uma análise da informação, em processo de transmissão e re-transmissão contínuos, no cotidiano humano. Nota-se, portanto, que tal análise principia pela dificuldade em realizá-la. Não é por acaso que a pós-modernidade é uma temática que revela-se através de estruturas complexas. Seu tratamento e estudo exigem algumas escolhas que podem ou não acabar em reduções. Este é um paradoxo que pode ser típico da pós-modernidade.

Dessa maneira, o próprio *mass media*¹ pode ser considerado um evento pós-moderno, porém, não é o único. A pós-modernidade não se justifica apenas por conjuntos de veículos de transmissão e pela quantidade de informação que neles circula. Uma de suas principais características é a própria re-inserção do ser humano em um mundo de desenvolvimento do conhecimento a partir do próprio conhecimento. Isto significa conhecer o conhecimento e pensar o pensamento em suas complexidades, longe de reducionismos, de determinismos e princípios dogmáticos. (Mendes, 2003).

Apesar de se considerar a importância de discussões em torno da filosofia e da ciência na pós-modernidade (Oliveira, 2003; Veiga-Neto, 1998), este texto não segue nesta direção, ressaltando que o seu principal objetivo é a análise de alguns eventos relacionados ao cotidiano pós-moderno. Mesmo assim, os termos *cotidiano* e *eventos* são vagos e exigem um contexto. Assim, o cotidiano que se pretende analisar é aquele baseado em informação, principalmente, a informação massificada, gerada por eventos relacionados às novas tecnologias de informação. A linha condutora é a discussão, através de uma revisão bibliográfica, do impacto da informação na maneira ou no modo de vida do indivíduo na pós-modernidade. Este impacto vem sendo descrito, analisado e criticado sob diversas formas, por vários autores. Algumas abordagens associam-se à temática aqui proposta, portanto, é possível reunir autores como Marcuse, Baudrillard e Lyotard, o que não significa convergências em suas correntes de pensamento.

Sendo pela falta ou pelo excesso, parece que, em grande parte, o ser humano já se conformou a processos que visam unidimensionar o conteúdo informacional. A literatura sobre esta problemática parece vasta, porém, tentar-se-á adotar uma metodologia de análise cujo foco seja o consumo de informação, mas, não a geração de conhecimento. Por este motivo o título *Uma realidade pós-moderna para a informação*, significa que pode ser *uma* dentre tantas outras *realidades*, mas, nunca *a realidade*.

Pós-modernidade: entre a revolução dos sentidos, a unidimensionalização da informação e o abandono do conhecimento

Primeiramente, para se falar de pós-modernidade é necessário defini-la e contextualizá-la, o que não parece ser possível. (Benedetti, 2003). A pós-modernidade não se fecha em conceitos e definições, aliás, desde a crise da razão (Kujawski, 1988; Novaes, 1996) em finais do século XIX e início do século XX não se desenvolve mais conhecimento com a idéia de *um* começo e *um* fim em si. (Oliveira, 2003). Então, como saber o que é pós-modernidade?

¹ Segundo Eco (2001), os “[...] mass media apresentam-se, portanto, como o instrumento educativo típico de uma sociedade de fundo paternalista mas, na superfície, individualista e democrática, e substancialmente tendente a produzir modelos humanos heterodirigidos. Vistos em maior profundidade, surgem como uma típica ‘superestrutura de regime capitalista’, usada para fins de controle e planificação coata das consciências. Com efeito, aparentemente, eles põem à disposição os frutos da cultura superior, mas esvaziados da ideologia e da crítica que os animava. Assumem modos exteriores de uma cultura popular mas, ao invés de crescerem espontaneamente de baixo, são impostos de cima (e da cultura genuinamente popular não possuem nem o sal nem o humor, nem a vitalíssima e sã vulgaridade).” (Eco 2001, p.43). Eco (2001) apresenta alguns argumentos de acusação e de defesa da cultura de massa. Tal cultura seria responsável por unidimensionar ou heterodirigir a massa. Sendo a massa um grande conjunto de pessoas, o autor encontra um ponto comum entre defesa e acusação, ou seja, o poder. Neste caso, as massas estão submetidas ao poder, ora político, ora econômico.” (Eco, 2001, p.49).

Em certo sentido, pode até ser fácil, basta não se pensar em algo definitivo, porém, corrente, em pleno processo, em ebulição: pós-modernidade. (Santos, 2001).

Partindo de um conjunto de problemas reais, de um cotidiano ainda mais real, estabelecem-se conceitos vulgares (no sentido de comum – senso comum) de pós-modernidade. Dessa maneira, a *realidade* pós-moderna solapa a vida do indivíduo através de uma vertiginosa corrente de imagens e sons.

O contexto pós-moderno pode ser aproximado a um contexto de informação. (Lyon, 1998; Barbosa, 2000). Os contextos informacionais movimentam-se a partir da própria (revolução da) informação. (Lojkine, 2002). Poderia ser o que Castells (2002), apesar de suas críticas à pós-modernidade, chama de a *era da informação*. No centro deste processo encontra-se o indivíduo, disposto ou não a receber estas informações. Parece pouco importar saber como o indivíduo irá acessá-la, processá-la, transmiti-la e re-transmiti-la. O que vale é que, na pós-modernidade, as relações são de informação. (Dupas, 2000).

Neste caso, pode ser que o principal problema não seja o de se saber como melhor apresentar esta informação, mas, como transformá-la em conhecimento. Supõe-se que o conhecimento seja o componente essencial na criação de massa crítica para o discernimento entre o *certo* e o *errado*. (Luckesi; Passos, 2002). Parece que a seleção pura e simples de informação é treinamento, é adestramento: um local propício para acomodar um mundo sem sentido. Provavelmente, este seja um dos fatores que está na origem de uma das características mais conhecida e disseminada da pós-modernidade, ou seja, a falta de sentido na vida cotidiana dos seres humanos. Isto parece ser paradoxal na medida em que se convive com um fervilhar de sentidos e sensações. A pós-modernidade é quase toda sentidos – como já o disse Marteleto (1987), porém, em outro contexto -, signos, símbolos, significados, significantes, mensagens, canais, receptores, emissores, ruídos. Então, como se pode dizer que, neste ambiente, não há sentido? Há sim, e muito, porém, o problema talvez não resida apenas nestes aspectos, mas no próprio ser humano.

De certa maneira, o ser humano foi, e talvez ainda esteja sendo, transformado em um repositório de informações inúteis e, por sinal, sem sentido, pois, não geram conhecimento. (Featherstone, 2000). É isto o que se pode chamar de *mundo sem sentido*, não significando a inexistência de sentido no mundo, não é isso. O sentido falta ao ser humano. No mundo, os sentidos são dados pelo ser humano e absorvidos por ele. Esta re-absorção deveria passar por um senso crítico (Luckesi, 2003) que teria como função analisar a informação selecionada (racional ou intuitiva) para depois processá-la e, posteriormente, transformá-la em conhecimento.

Nas ruas, em casa, nos jornais, na televisão, quase tudo parece ser um grande espetáculo a maneira baudrillardiana (Kumar, 1997; Lyon, 1998), como se as massas o quisessem e o exaltassem. Marcuse (1982) já dizia que a liberdade é a maior forma de dominação. Por que diz isso? Porque a fuga do cotidiano leva o ser humano a buscar mundos paralelos. A mídia, sabendo desta necessidade, rapidamente montou uma estrutura com vários *mundos* fictícios, não permitindo quase nenhum descanso ao indivíduo.

Pode-se dizer que é através dos veículos comunicacionais de informação que se constrói e se alicerça este caráter *ficcionalista* como fonte de *realidade* e

credibilidade absoluta tendo como resultado a *falsa* idéia de concretização do *irreal*, onde “[...] o reino do irracional se torna o lar do realmente racional [...]”. (Marcuse, 1982, p.227). Segundo Baudrillard (1994) os imperativos de produção de sentido que se prestam a tarefa de melhor informar, melhor socializar, elevar o nível cultural das massas, são *bobagens*, pois, as massas resistem a uma comunicação racional, querendo em seu lugar o *espetáculo*.

“Nenhuma força pôde convertê-las à sociedade de conteúdos, nem mesmo à seriedade do código. O que se lhes dá são mensagens, elas querem apenas signos, elas idolatram o jogo de signos e de estereótipos, idolatram todos os conteúdos desde que eles se transformem numa seqüência espetacular. O que elas rejeitam é a ‘dialética’ do sentido. E de nada adianta alegar que elas são mistificadas. Hipótese sempre hipócrita que permite salvaguardar o conforto intelectual dos produtores de sentido: as massas aspiram espontaneamente às luzes naturais da razão. Isso para conjurar o inverso, ou seja, que é em plena ‘liberdade’ que as massas opõem ao ultimato do sentido a sua recusa e a sua vontade de espetáculo. Temem essa transparência e essa vontade política como temem a morte. Elas ‘farejam’ o terror simplificador que está atrás da hegemonia ideal do sentido e reagem à sua maneira, reduzindo todos os discursos articulados a uma única dimensão irracional e sem fundamento, onde os signos perdem seu sentido e se consomem na fascinação: o espetáculo.” (Baudrillard, 1994, p. 14-15).

Uma das principais características da era pós-moderna é a sua intrínseca relação com o advento das novas tecnologias, ou seja, quase todo o sistema funcional e intelectual, que possa fazer parte do cotidiano humano, ser tratado pela ótica cibernética.

“O ambiente pós-moderno significa basicamente isso: entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação. Eles não nos informam sobre o mundo; eles o refletem à sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo. Uma reportagem a cores sobre os retirantes do Nordeste deve primeiro nos seduzir e fascinar para depois nos indignar. Caso contrário, mudamos de canal. Não reagimos fora do espetáculo.” (Santos, 2001, p. 13).

O *espetáculo*, como principal chamariz para prender a atenção do público receptor, torna-se a melhor forma de manipulação de conteúdos exercida pelos meios de comunicação. Faz com que o público desenvolva uma *falsa* dependência, que parece julgar ser o ideal de comportamentos e de cultura. O público (receptor), em sua maioria, acaba por aceitar o que lhe é oferecido e, aos poucos, vai transportando suas liberdades individuais *reais* para o ambiente *ficcional*.

“A massa pós-moderna, no entanto, é consumista, classe média, flexível nas idéias e nos costumes. Vive no conformismo em nações sem ideais e acha-se seduzida e atomizada (fragmentada) pelos ‘mass media’,

querendo o espetáculo com bens e serviços no lugar do poder. Participa, sem envolvimento profundo, de pequenas causas inseridas no cotidiano – associações de bairro, defesa do consumidor, minorias raciais e sexuais, ecologia.” (Santos, 2001, p. 90).

Até onde se pode notar, esta realidade não é necessariamente a ideal, longe disso, a tão sonhada *socialização* da informação fica cada vez mais distante e cercada de utopias na medida em que se desenvolve um condicionamento *massivo* por parte da indústria cultural vigente. A abrangência deste novo sistema de informação dirigida torna-se cada vez maior devido à sua política de acúmulo e relação estreita e dependente de um modo de capital global. (Jameson, 2000). “[...] *onde antes a beleza poderia ser um protesto subversivo contra o mercado e suas funções utilitárias, hoje a mercantilização universal da imagem absorveu-a como uma traiçoeira prática da ordem estabelecida.*” (Anderson, 1999, p. 127).

Por outro lado, as instituições, em suas linhas culturais, econômicas, sociais, políticas, tecnológicas e científicas, exigem de seus profissionais condutas cada vez mais técnicas que agilizem o cumprimento de suas tarefas cotidianas. As informações devem ser condensadas e resumidas para estes *novos* profissionais.

“Conhece-se o princípio: partindo da idéia de que o homem moderno lê pouco porque não tem tempo para ler, absorvido pelas múltiplas ocupações e servidões da vida cotidiana, alguns espíritos bem-intencionados mas ingênuos entenderam que a solução seria oferecer-lhe à leitura apenas o essencial. Com isso, diminuir-se-ia substancialmente o volume do que se deve ler; e, atraído por um alívio assim ponderável nos esforços que lhe exige leitura, o homem recomençaria a ler. Ele tomaria conhecimento das grandes obras da humanidade, entraria em contacto com Shakespeare e com Balzac, com Dostoievski e com Machado de Assis. Sempre através de um resumo, de uma condensação, feitos por pessoas que, infelizmente, não são jamais Dostoievski nem Balzac, Machado de Assis nem Shakespeare”. (Martins, 1996, p.429).

Pode-se dizer que o espírito profissionalizante e técnico está presente no meio acadêmico, principalmente no nível superior, em quase toda a sua totalidade, devido às expectativas advindas do *sistema capitalista*. A tecnocracia prevalece como a principal virtude na lista de habilidades ou como a principal habilidade na lista de virtudes. (Lyotard, 2000).

Talvez, a força produtiva que assalta a produção do saber científico é regida por uma demanda de mercado. Neste caso, o que pode ocorrer é uma generalização diante da aplicabilidade científica que possui, como princípio, a produção do saber para a sociedade. O problema é que este sentido *operacional* se torna cada vez mais determinante no desenvolvimento de pesquisas científicas na medida em que o Estado encarrega o setor privado de cumprir suas funções.

“Sabe-se que o saber tornou-se nos últimos decênios a principal força de produção, que já modificou sensivelmente a composição das populações ativas nos países mais desenvolvidos e constitui o principal ponto de estrangulamento para os países em vias de desenvolvimento. Na idade pós-industrial e pós-moderna, a ciência conservará e sem dúvida reforçará ainda mais sua importância na disputa das capacidades produtivas dos Estados-nações. Esta situação constitui mesmo uma das razões que faz pensar que o afastamento em relação aos países em vias de desenvolvimento não cessará de alargar-se no futuro”. (Lyotard, 2000, p.5).

Nesse ínterim, ao invés de processos éticos, como justiça, democracia, autonomia e cidadania, o que se desenvolve é uma lógica de mercado (Dantas, 2002) que dita os rumos da cultura, da ciência e da arte. O mercado também cria seus dogmas e o custo da informação pode ser um deles.

“Neste contexto, as novas tecnologias, pelo fato de tornarem os dados úteis às decisões (portanto, os meios de controle) ainda mais instáveis e sujeitas à pirataria, não podem senão exigir urgência deste reexame. Em vez de serem difundidos em virtude de seu valor ‘formativo’ ou de sua importância política (administrativa, diplomática, militar), pode-se imaginar que os conhecimentos sejam postos em circulação segundo as mesmas redes de moedas, e que a clivagem pertinente a seu respeito deixa de ser saber/ignorância para se tornar como no caso da moeda, ‘conhecimentos de pagamento/conhecimentos de investimento’, ou seja, conhecimentos trocados no quadro da manutenção da vida cotidiana (reconstituição da força de trabalho, ‘sobrevivência’) ‘versus’ créditos de conhecimentos com vistas a otimizar as performances de um programa.” (Lyotard, 2000, p.7).

Parece que a informação tornou-se o principal componente na estratégia competitiva para os mercados, o objeto mais importante e disputado entre os setores privado e público: uma mercadoria. (Dertouzos, 1998). É quase impossível ao indivíduo não sofrer as conseqüências dessa mercantilização informacional. A informação deve ser apresentada em quantidade e, de tal maneira, que não possibilite ao indivíduo qualquer momento de reflexão, apenas estímulos de consumo.

Considerações finais

É provável que a pós-modernidade, vista como palco para o grande espetáculo dos *mass media*, seja pouco atraente.

Por outro lado, esta é uma condição, não se sabe se imposta ou não, de uma *realidade* baseada em informação. Os problemas que afetam os indivíduos, nesta *realidade*, não são isolados, pelo contrário, são intrinsecamente relacionados. Isto significa que são problemas que passam por aspectos econômicos, políticos, geográficos, religiosos, filosóficos, científicos e tecnológicos.

Portanto, implica em princípios de discernimento e compreensão desenvolvidos a partir do processamento da própria informação, ou seja, a *solução* estaria no próprio conhecimento. Estimular o conhecimento. Ensinar a pensar, a conhecer o próprio conhecimento. A partir disto, o indivíduo estaria apto a proceder o que se chama de leitura de mundo, leitura da *realidade*. Poderia refletir sobre o que lhe é oferecido (talvez imposto), fazer associações, tentando, dessa maneira, manter-se o menos alienado possível.

A post-modern reality for information

The vertiginous development of the vehicles of mass communication transforms information both into a high- cost merchandise and a meaningless thing for the masses. This text exploits such phenomena in light of the transformations of post-modernity.

Key-words: Information; Post-modernity; Mass media; Knowledge

Referências

ANDERSON, Perry, *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

BARBOSA, Wilmar do Valle. Tempos pós-modernos. In: LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 6.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Pós-modernidade: abordagem sociológica. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação; economia, sociedade e cultura*. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DETOUZOS, Michael. *O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DUPAS, Gilberto. *Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso*. São Paulo: Unesp, 2000.

- ECO, Humberto. *Apocalípticos e integrados*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FEATHERSTONE, Mike. Da universidade à pós-modernidade? Explorando as possibilidades de novas formas de comunicação. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; MOARES, Sílvia E. (Org.). *Escola e universidade na pós-modernidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1988.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LUCKESI, Cipriano Carlos et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LUCKESI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução à filosofia: aprendendo a pensar*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LYON, David. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 6.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARTELETO, Regina Maria. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 169-180, jul./dez. 1987.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1996.
- MENDES, Cândido. (Org.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- NOVAES, Adauto. (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Pós-modernidade: abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Ciência e pós-modernidade*. *Episteme*, Lisboa, v. 3, n. 5, p. 143-156, 1998.